

MULHER EM (DIS)CURSO

Palmira Heine Alvarez
André Luiz Gaspari Madureira
Illa Ptres de Azevedo
(Organizadores)



Atena
Editora

Ano 2020

MULHER EM (DIS)CURSO

Palmira Heine Alvarez
André Luiz Gaspari Madureira
Illa Ptres de Azevedo
(Organizadores)



Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^a Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^a Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Prof^a Dr^a Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia

Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases

Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil

Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí

Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé

Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária

Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná

Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina

Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College

Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Palmira Heine Alvarez
André Luiz Gaspari Madureira
Illa Pires de Azevedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M956 Mulher em (Dis)curso / Organizadores Palmira Heine Alvarez, André Luiz Gaspari Madureira, Illa Pires de Azevedo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-475-7

DOI 10.22533/at.ed.757201310

1. Mulher. 2. Discurso. 3. Linguagem. I. Alvarez, Palmira Heine (Organizadora). II. Madureira, André Luiz Gaspari (Organizador). III. Azevedo, Illa Pires de (Organizadora) Título.

CDD 305.4

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro ora apresentado é resultado de uma série de reflexões sobre o tema *mulher e discurso*, através de diversos aspectos que recobrem essa temática, tais como: os modos de discursivização da violência contra mulheres, mulher e literatura, as representações do feminino em contos de fadas tradicionais, a mulher e as relações homoafetivas discursivizadas em redes sociais, mulher e música, mulher e beleza, além da fragmentação do feminino na contemporaneidade.

Tais temáticas e seus desdobramentos, pensados à luz da Análise de Discurso, oferecem aos leitores a possibilidade de levantar o véu da opacidade que se apresenta através da linguagem, voltando o olhar em direção aos sentidos sobre mulher no discurso, na sua dimensão histórica e ideológica, trazendo à baila questionamentos, reflexões, deslocamentos e desdobramentos diversos.

A obra contribui para se pensar a identidade e a representação feminina como um elemento de discurso, construído na e pela linguagem, seja na sua dimensão verbal ou não verbal, afetada pela historicidade e pela memória social. Como elemento de discurso, a ideia de ser mulher é afetada por deslocamentos que problematizam a noção do feminino na discursividade nas diversas formas de materialização da ideologia que, naturalizando sentidos, faz com que os sujeitos de discurso não se deem conta de que estão sendo constituídos pelos enunciados que significam na sua dimensão histórica.

Os capítulos desta obra, portanto, possuem um ponto que os une, qual seja: a ideia de que a feminilidade, construída em diferentes materialidades analisadas pelos presentes estudos faz retomar representações sócio-históricas que constituem o dizer. Essas representações são abordadas nos textos que constituem esse livro, costurados a partir das ideias do filósofo francês Michel Pêcheux, cujas reflexões deram origem à teoria de Análise de discurso, também denominada de Análise materialista de discurso ou ainda Análise de discurso de viés pecheutiano.

O primeiro capítulo, intitulado **TRABALHO E DIGNIDADE FEMININA - APONTAMENTOS A PARTIR DO MULHERIO (1981-1988)**, apresenta uma análise acerca do jornal Mulherio. Nela, podemos perceber como esse veículo de comunicação, em meio à década de 80 do século XX, rompe com o silêncio local acerca de certos dizeres sobre a mulher e promove a circulação de efeitos de sentido até então interditados.

Já no segundo capítulo – **DISCURSO ENTRE MULHERES: de Clarice Lispector a Tereza Quadros** –, é feito um estudo sobre o efeito de autoria na constituição de dizeres de duas mulheres, ou melhor, de uma mulher: Tereza Quadros, pseudônimo da escritora Clarice Lispector. Em meio a esse fenômeno que, em primeira instância, podemos chamar de *desdobramento de efeito de autoria*, discute-se como se dá a projeção interdiscursiva a partir da qual é promovida a existência de Tereza Quadros.

Em **EFEITOS DE SENTIDOS EM UMA PEÇA PUBLICITÁRIA DA PREFEITURA**

DA CIDADE DE SALVADOR EM PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES, a ideia principal do artigo se volta a um aspecto social brasileiro que remonta aos tempos da colonização: a violência contra a mulher. Nesse estudo veremos como alguns discursos que promovem o assédio sexual feminino passam a funcionar, em peças publicitárias, a partir de uma reinscrição interdiscursiva cujo efeito se torna de estímulo ao combate a essas ações de violência feminina.

No capítulo **A DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE CASAMENTO E FAMÍLIA EM RELAÇÕES HOMOAFETIVAS ENTRE MULHERES NO INSTAGRAM**, o ambiente virtual é explorado em uma análise sobre relações homoafetivas entre mulheres. Nesse formato contemporâneo de discursivização dessas relações, cabe interrogar como efeitos de sentido sobre casamento e família passam a se constituir em meio a esse contexto e quais são suas implicações sócio-discursivas.

A abordagem do feminino na internet também tem lugar no capítulo **A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE: SUA FRAGMENTAÇÃO, HIERARQUIZAÇÃO E DEMONIZAÇÃO**. Nele, podemos perceber, do ponto de vista discursivo, como a mídia promove o controle de corpos, em meio ao que podemos chamar de *tecnologia de gênero*.

Os aspectos discursivos que envolvem o feminino e os contos de fada tradicionais são abordados no artigo **DESLOCAMENTOS NAS MODALIDADES DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO MULHER**. Trata-se de um estudo que permeia o âmbito das histórias de princesa, mas desta vez mediante releituras cinematográficas que denunciam mudanças no comportamento feminino. O que está em questão aqui é o movimento de desconstrução que possibilita o questionamento acerca do lugar da mulher na sociedade.

No artigo intitulado **A BELEZA FEMININA: O DISCURSO SOBRE A BELEZA NA FANPAGE DE COSMÉTICOS DA MARCA NÍVEA** busca-se discutir os modos de discursivização da beleza feminina em propagandas de cosméticos da marca Nívea, destacando que a beleza é uma construção simbólica e cultural e, portanto, um elemento de discurso que faz circular sentidos inscritos na história. A AD pecheutiana também é a base para as reflexões e análises propostas neste artigo, que concebe a beleza como elemento construído ideologicamente.

Por fim, o artigo intitulado **AS PIRIGUETES E A DISCURSIVIZAÇÃO DA MULHER EM MÚSICAS DO PAGODE BAIANO** objetiva discutir sobre as formas de discursivização da mulher em letras de música de pagode baiano, gênero musical muito popular na Bahia, que constrói identidades e representações femininas com base na estereotipização da sexualidade e do corpo da mulher.

Assim, os modos de construção dos artigos ora apresentados neste livro, indicam uma costura coesa que nos remete, a partir das linhas da Análise materialista de discurso, a um tecido diverso na sua unidade, possibilitando reflexões e debates sobre o feminino no discurso, a mulher em (dis)curso, no curso da história, da sociedade e da linguagem; a mulher que é dita e diz, que é construída no jornal, nas propagandas, na literatura, nos

contos, nas redes sociais, enfim na dimensão sócio-histórica da linguagem, que, como um sistema que materializa discursos, gera e faz circular sentidos na teia da história.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
TRABALHO E DIGNIDADE FEMININA - APONTAMENTOS A PARTIR DO MULHERIO (1981-1988)	
Palmira Heine Alvarez Andréia Abdon Peixoto	
DOI 10.22533/at.ed.7572013101	
CAPÍTULO 2	13
DISCURSO ENTRE MULHERES DE CLARICE LISPECTOR A TEREZA QUADROS	
Josiane Pereira da Conceição André Luiz Gaspari Madureira	
DOI 10.22533/at.ed.7572013102	
CAPÍTULO 3	30
EFEITOS DE SENTIDOS EM UMA PEÇA PUBLICITÁRIA DA PREFEITURA DA CIDADE DE SALVADOR EM PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES	
Gilberto Nazareno Telles Sobral Nadia de Jesus Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7572013103	
CAPÍTULO 4	42
A DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE CASAMENTO E FAMÍLIA EM RELAÇÕES HOMOAFETIVAS ENTRE MULHERES NO INSTAGRAM	
Anderson de Almeida Santos Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez	
DOI 10.22533/at.ed.7572013104	
CAPÍTULO 5	55
A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE: SUA FRAGMENTAÇÃO, HIERARQUIZAÇÃO E DEMONIZAÇÃO	
Ireneide Santos Costa	
DOI 10.22533/at.ed.7572013105	
CAPÍTULO 6	69
DESLOCAMENTOS NAS MODALIDADES DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO MULHER	
Reginete de Jesus Lopes Meira Sátiro	
DOI 10.22533/at.ed.7572013106	
CAPÍTULO 7	84
BELEZA FEMININA: O DISCURSO SOBRE A BELEZA NA FANPAGE DE COSMÉTICOS DA MARCA NÍVEA	
Laura Camila dos Santos Santana	
DOI 10.22533/at.ed.7572013107	
CAPÍTULO 8	96
AS PIRIGUETES E A DISCURSIVIZAÇÃO DA MULHER EM MÚSICAS DO PAGODE BAIANO	
Mislene Carvalho da Paixão	
DOI 10.22533/at.ed.7572013108	
SOBRE OS AUTORES	108

AS PIRIGUETES E A DISCURSIVIZAÇÃO DA MULHER EM MÚSICAS DO PAGODE BAIANO

Mislene Carvalho da Paixão

A imagem da mulher vem sendo, cada vez mais, um alvo para o mercado publicitário, e a música, também, é um recurso que faz uso da imagem feminina, representando a mulher através de padrões sociais e estereótipos diversos. Isto ocorre porque a figura feminina, muitas vezes, é apresentada como o sexo frágil, a dona de casa, do lar, o objeto de consumo, etc. Deste modo, tanto a tradicional MPB como o Pagode baiano difundem determinadas ideias do que é ser mulher, a partir de regularidades discursivas que se ligam aos momentos históricos nos quais essas músicas são produzidas.

Segundo Costa (2006, p.17), a Música Popular tem sido no Brasil uma “trilha sonora de gerações, uma discursividade peculiar que reflete o cotidiano da vida social”. Sendo assim, a música é, como qualquer outro discurso, um elemento marcado por posições daqueles que enunciam. Segundo a referida pesquisadora:

O discurso do Sujeito do canto, tomado na condição de um lugar vazio, de onde todos podem falar, é um murmúrio anônimo que percorre a formação social, mas no qual se podem ouvir distintas concepções sobre a vida, os anseios e declarações de amor, apreciações morais e estéticas que percorrem

a cultura brasileira. (COSTA, 2006, p.17)

Esse lugar vazio no discurso do Sujeito do canto é o espaço que possibilita qualquer ouvinte que se identifique com a canção, ocupar esse espaço, colocando como aquele que cita o outro, ou ainda, como esse outro que é apresentado na letra, sobre o qual se canta.

Partindo do pressuposto de que a música é um elemento de discurso que se ancora em fatores históricos e já-ditos constituídos socialmente, neste artigo, pretende-se trabalhar a construção discursiva da imagem da mulher, os modos de constituição do corpo e sexualidade feminina e sua relação com a música brasileira, tendo como foco o arcabouço teórico da Análise de Discurso e como corpus músicas do chamado pagode baiano, uma das expressões mais populares da música baiana.

Segundo Nascimento (2012, p. 55): “O termo pagode baiano ocupa um lugar específico dentro do contexto da música baiana contemporânea denominada axé music, expressão forjada pela mídia na década de 1980”. O Pagode baiano tem suas especificidades que o diferenciam do pagode vindo do Rio de Janeiro. Desse modo, o pagode baiano é, pois, um gênero musical híbrido que mescla elementos oriundos dos

sambas de roda do Recôncavo, elementos da música eletrônica e até mesmo do funk carioca. Assim, é um gênero que possui uma especificidade, pois traz elementos típicos da produção cultural baiana como o samba de roda e a chula (dança típica do Recôncavo Baiano caracterizada por ter passos curtos e movimento em círculos), mas os mescla com outros gêneros, tornando o Pagode Baiano diferente do Pagode de raiz ou tradicional.

Sendo um dos elementos que atingem grande parcela da população, o pagode baiano constrói representações do ser feminino, sendo a mulher colocada ora como angelical ora como prostituta, amada ou desprezada, ignorada ou desejada, frágil ou forte, fiel ou traída e ainda como submissa ou descarada, como afirma Perrot (2007, p.17): “as mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas. Eis aí outra razão para o silêncio e a obscuridade: a dissimetria sexual das fontes, variável e desigual.” Assim, a concepção do termo mulher como sujeito pode ser entendida como um componente para dissolver as questões conservadoras que por muito tempo a própria história pôs às margens. Ninguém nasce mulher, torna-se mulher (BEAUVOIR, 1967, p. 9). E a música é, também, um veículo construtor de identidades. Assim, nas letras de músicas essas mulheres passam a ser interpretadas ou reinterpretadas com mais criatividade, muitas vezes, sendo caracterizadas apenas a partir de seus corpos e sua sensualidade. Para Nascimento (2012, p.157):

A representação idealizada da mulher brasileira na música produzida no Brasil ultrapassa os limites de estilos e marcos históricos. Esteve presente no samba, em toda a sua trajetória e nas mais variadas vertentes, especialmente nas décadas de 1930 e 1940, em meio ao período do Estado Novo, quando vigorava uma atmosfera político-cultural marcada pelo nacionalismo. Trata-se, portanto, de um tema recorrente que é, também, revisitado na atual conjuntura pelos grupos baianos de pagode.

Desse modo, pode-se asseverar que a presença da imagem feminina é algo marcante nas letras de música independente do estilo musical. A mulher é cantada desde as letras que a enaltecem até as que a depreciam ou, ainda, aquelas que a colocam em um espaço de inferioridade com relação ao sexo oposto.

Grande parte das letras de músicas que cantam as mulheres através de vozes masculinas trazem uma construção estereotipada acerca do que vem a ser a mulher em nossa sociedade. Assim, enquanto é comum no pagode baiano a mulher ser erotizada, sensualizada e ao mesmo tempo desvalorizada, na MPB tradicional essa representação feminina se dá de maneira mais enaltificada, colocando a mulher em lugares naturalizados, como o lar e a maternidade. No entanto, também é possível encontrar na MPB tradicional músicas que depreciam a mulher; algumas que estimulam a violência contra a amada, outras que reproduzem estereótipos da mulher frágil, submissa etc. Da mesma forma que há letras de pagode baiano que enaltecem as mulheres. No pagode baiano, a erotização feminina, a apresentação do corpo da mulher como objeto de prazer, se faz mais forte, uma vez que a própria letra incita a subversão do corpo e a envolvimento com o ritmo ou melodia.

O ser feminino é visto na MPB como fonte de inspiração e seu corpo, a sexualidade e a sensualidade na maioria das vezes não são expostos aqui de forma exacerbada, mas como algo que encanta, inspira ou ainda como diz Carlos Gualhardo: “um poema divino cheio de esplendor”. Já no Pagode Baiano, a exposição do corpo e sexualidade feminina é feita de forma mais explícita, recorrendo-se, inclusive a termos como: mete, enfia etc, que trazem elementos explícitos do ato sexual. O mesmo ocorre no funk em que elementos explícitos da sexualidade são colocados nas produções musicais: “Só não vem àquela que fala demais. Tá ligado? Aquela que fala demais pode ficar lá. Fica lá e minha filha, saia da janela; vê se tu se toca: mulher de verdade gosta mesmo é de piroca” (Música Vem todo Mundo – Mr. Catra). Beauvoir (1970, p.170) diz que:

A mulher é então o principal pólo da poesia, a substância da obra de arte: os lazes de que dispõe permitem-lhe consagrar-se aos prazeres do espírito: inspiradora, juiz, público do escritor, ela torna-se seu êmulo. É ela muitas vezes que faz prevalecer um modo de sensibilidade, uma ética que alimenta os corações masculinos.

Essa poesia, dita por Beauvoir, coloca a mulher em uma posição além do físico, do tocável, transcendendo-a para além do imaginário masculino. A poesia, também, relata a mulher como aquela que enche de vigor aqueles que a admiram, e isso a torna especial em todos os seus momentos, sejam eles prazerosos, cansativos e até sensíveis.

A mulher, na música brasileira, é descrita, ainda como interesseira e oportunista que dá maior valor a bens materiais de alto custo, retomando já-ditos históricos sobre a mulher que quer ter uma boa vida às custas do homem. É perceptível, em diversas músicas, um subjugar das mulheres como usurpadoras em que o único propósito é usufruir do dinheiro de homens com boas cifras para manter uma boa vida. Como podemos perceber em um trecho da música de pagode baiano “*joga as nota de cem que elas vem*” do cantor Robysson, a mulher é colocada como aquela que é atraída pelo dinheiro, só isso importando para que o sexo oposto a “tenha”; ou seja, o homem só precisa ter dinheiro (nesse caso, notas de cem reais) para que tenha qualquer mulher que desejar. Isso pode ser percebido no fragmento “*que elas vem*” do enunciado, pois mostra que “as mulheres só irão se os homens jogarem o dinheiro para elas”.

Na MPB, a mulher também é vista em algumas letras, como submissa e inferior em relação ao sexo masculino. Só que, nesse estilo, há uma suavizada na forma de expressar tal construção, é o exemplo da composição da cantora Elis Regina intitulada por ‘*Da cor do pecado*’ em que no trecho ‘*Esse corpo moreno cheiroso e gostoso que você tem. É um corpo delgado da cor do pecado/ Que faz tão bem*’, fica evidenciado apenas o aspecto físico da mulher, sendo sua cor ligada ao pecado como se a mulher negra levasse o homem a pecar, através da atração que o corpo dessa mulher traz ao sexo masculino. Há ainda, nessa letra, outro fragmento em que existe uma ambiguidade com o fato de se dizer, em ‘*Porque se revela a maldade da raça*’ deslocando o termo “raça” que tanto pode se referir à raça negra, uma vez que durante toda a música fala-se em corpo moreno e morena,

sempre os relacionando à raça negra, como à raça humana.

A construção social da mulher como “apropriada” e “imprópria” “bela” “acabado”, que se dá a partir do ponto de vista masculino, parte de projeções feitas de modo que os sujeitos do canto as interpretem, subjetivamente, a partir de uma posição sóciohistórica, e o que é cantado na música, faz circular ideias que estão e fazem parte do cotidiano. Consoante Caldas (2006, p.18):

O discurso da música popular é do cotidiano, mas nele abre uma brecha, a do não-cotidiano, do sonho e devaneio, do imaginário, da festa; e também serve de pano de fundo para o trabalho. Não importa como figure, o discurso é produzido no cotidiano, como mediação, aproximação e afastamento deste cotidiano. Por isso nele se constitui um sujeito que não é um agente nem ator social, mas aquele lugar vazio do qual todos falam, ou cantam. Nele aparece refletida uma formação social, na historicidade peculiar que o caracteriza, e também ele reflete o mercado de produtos culturais, com sua multiplicidade de agentes, formas e meios.

Portanto, temos o discurso da música como descrição do cotidiano, sendo que essa descrição nem sempre acontecerá de forma categórica da realidade e uma vez que ele é perpassado pela ideologia, existirá esse movimento entre o real e o imaginário, que refletirá na construção social e, por conseguinte, na cristalização de estereótipos ou ainda disseminação de ideologias que vão se massificando através da música popular.

Tomando como base os pressupostos da Análise de discurso de vertente pecheutiana, pretende-se compreender de que modo as músicas do pagode baiano discursivizam a mulher. Como ela é cantada e como os sentidos sobre ser mulher colocados nas músicas se relacionam com os dizeres históricos que circulam no cotidiano? De que modo a ideologia gera sentidos sobre ser mulher desejada ou disponível socialmente?

Para refletir sobre esses questionamentos, iremos nos debruçar em três músicas de pagode baiano. Selecionamos músicas que, de algum modo obtiveram destaque dentro do pagode baiano, sendo tocadas para um grande número de ouvintes.

Assim, destacaremos a primeira música a ser analisada:

MÚSICA 1: A LOIRINHA – É O TCHAN

Sei que a lourinha geladinha é gostosa de tomar
Também sei que a lourinha bem quentinha é boa de namorar
Gostosa, cheirosa, demais, não importa se ela é quente ou se é gelada
Sei que a loura me atrai

Essa lourinha é um tesão
Me deixa na fissura
Quando eu tomo uma lourinha geladinha
Ninguém me segura

Venha pra cá, venha quebrando
Tá todo mundo te olhando
Venha pra cá, venha mexendo
Tá todo mundo te querendo

No tcha tcha tcha
No tchu tchu tchu
No Gera Samba de Norte a Sul
No tcha tcha tcha
No tchi tchi tchi
Se requebrando, venha pra mim

A música da banda “É o tchan” traz consigo um jogo de sentido com a palavra “loirinha”, esse recurso é o que Orlandi vai chamar de polissemia, ou seja, a palavra loirinha faz referência tanto à mulher loira quanto à cerveja gelada. Assim, por polissemia entende-se, segundo Orlandi (2015, p.38) como a “simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico”. Desse modo, ao fazer tal relação o sujeito autor da música compara a mulher à cerveja no sentido de ambas estarem à sua disposição e no prazer que ambas podem causar ao homem, uma ao refrescá-lo, a outra na sua satisfação sexual. Enquanto uma é gelada, a outra é quente, e há, nesse jogo de palavras o extrapolar do estado físico, uma vez que ser quente indica, nesse caso não a temperatura da mulher como no caso da cerveja, mas a sua disponibilidade sexual. “*Sei que a lourinha geladinha é gostosa de tomar / Também sei que a lourinha bem quentinha é boa de namorar*”. No primeiro caso, a expressão lourinha relaciona-se com o adjetivo geladinha, se referindo à cerveja, e está associada ao verbo tomar (indicando a ingestão da bebida alcoólica). No segundo caso, a lourinha está relacionada ao adjetivo quentinha (fazendo referência à sexualidade da mulher) e associado ao verbo namorar.

Na sequência discursiva “Gostosa, cheirosa, demais, não importa se ela é quente ou se é gelada sei que a loura me atrai”, existe uma objetificação do corpo da mulher. Ao ser comparada com a cerveja, a mulher se confunde com a mercadoria (gostosa, cheirosa demais), com o objeto a ser consumido pelo homem, com o corpo mimetizando as características atribuídas à bebida alcoólica gelada (ela também é gostosa, assim como a cerveja). Essa característica metonímica indica um funcionamento da ideologia que coloca o corpo feminino como um objeto pronto para ser consumido pelo homem, indicando discursos sobre a necessidade de agradar o sexo masculino, um objeto de

posse masculina. O sujeito compositor se inscreve em uma formação discursiva que considera que a mulher loira é atraente por ter um “corpão”. Isso é percebido quando o sujeito autor se refere à mulher loira como um “tesão”, fazendo alusão ao desejo sexual que ela desperta nele. Essa “valorização” da mulher, apenas pela sua sexualidade, é algo construído historicamente. Sobre isso Perrot (2007, p.63) ressalta que:

A mulher é um ser em concavidade, esburacado para a possessão, para a passividade. Por sua anatomia. Mas também por sua biologia. Seus humores – a água, o sangue (o sangue impuro), o leite – não tem o mesmo poder criador que o esperma, elas são apenas nutrizes. Na geração, a mulher não é mais que um receptáculo, um vaso do qual se pode apenas esperar que seja calmo e quente. Só se descobrirá o mecanismo da ovulação no século XVIII e é somente em meados do século XIX que se reconhecerá sua importância. Inferior, a mulher o é, de início, por causa de seu sexo, de sua genitália.

No refrão da música há um destaque maior para o corpo feminino. A sequência discursiva “*Venha pra cá, venha quebrando. Tá todo mundo te olhando. Venha pra cá, venha mexendo. Tá todo mundo te querendo*”, mostra que o rebolado da mulher é um atrativo para os olhares e desejos em geral, reafirmando o que foi dito, anteriormente, sobre a importância da mulher apenas como objeto de prazer. Nesse sentido, têm-se as condições de produção desta música, a qual foi produzida no ano de 1996, momento em que se estava no auge músicas que exploravam a sensualidade feminina. Nesse período, eram marcantes as danças em que o destaque era o corpo em movimentos erotizados. A sequência discursiva “tá todo mundo te querendo” remete à mulher que induz ao pecado, que remonta ao discurso bíblico em que Eva coage Adão a comer a maçã.

No decorrer da história, a exposição do corpo feminino foi tornando-se algo comum, em séculos anteriores ao século XX, a mulher que mostrasse o seu corpo era vista, socialmente, como vulgar, “mulher fácil”, como já se afirmou anteriormente. Ao longo do tempo, porém, com a liberdade sexual, o corpo feminino passou a ser mostrado e exibido com naturalidade. No entanto, o corpo belo é magro, com pernas compridas, formas avantajadas e longilíneas. Há, portanto, do mesmo modo, uma construção feminina feita a partir do corpo que é coagido a se adaptar aos padrões de beleza. Como afirma Perrot (2007, p. 50):

Até o século XIX, perscruta-se a parte superior, o rosto, depois o busto; há pouco interesse pelas pernas. Depois o olhar desloca-se para a parte inferior, os vestidos se ajustam mais à cintura, as bainhas descobrem os tornozelos. No século XX, as pernas entram em cena, haja vista à valorização das pernas longilíneas nas peças publicitárias. Progressivamente, a busca da esbeltez, a obsessão quase anoréxica pela magreza sucede à atração pelas generosas formas arredondadas da mulher “bela mulher” de 1900.

Assim, desde o século XX aos dias atuais, as pernas, os quadris tornaram-se alvo da atenção do sexo masculino e as mulheres consideradas “gostosas” são aquelas que têm atributos físicos desejados pelos homens que se encaixam no padrão do belo e do sensual, aquelas capazes de proporcionarem prazer devido ao seu aspecto físico. Esse corpo “gostoso” numa metáfora com algo que pode ser sentido pelo paladar, é um corpo-

discurso construído socialmente, um corpo coagido a se adequar aos padrões de beleza e sensualidade construídos socialmente.

A próxima letra apresentada é a música “*Mulher Brasileira*” do grupo Psirico.

MÚSICA 2: MULHER BRASILEIRA – PSIRICO
<p>Pele bronzeada, mulher brasileira, a coisa mais linda Chamada de avião, corpo de violão, a maior obra prima Em todos os cantos do universo, se vê várias delas brilhar É um pecado que um homem sempre quer desfrutar É uma obra divina que nasceu para o nosso bem E quem ama levante o dedo e grite: Amém Maravilhosa os meus elogios não são a toa Você é a água que mata minha sede Mulher brasileira é toda boa</p> <p>Toda boa, toda boa, ela é toda boa (Ai, ai ela é toda boa) É toda boa, toda boa, ela é toda boa (Ai, ai ela é toda boa) Toda boa, toda boa, toda boa (Ai, ai ela é toda boa) Toda boa, toda boa ela é toda boa (Ai, ai ela é toda boa)</p> <p>Autoestima gordinha (Tá toda fofinha) Autoestima magrinha (Tá toda fortinha) Autoestima coroa (Tá toda durinha) Autoestima negona (Tá toda gatinha) Mulher brasileira é toda boa</p>

Na letra da música intitulada “Mulher brasileira”, o sujeito-autor faz uma referência à mulher brasileira, a qual é mostrada com irreverência e perfeição. Na primeira estrofe, tem-se uma descrição dessa mulher considerada “toda boa”, aquela que possui a pele bronzeada fazendo alusão à mistura racial existente em nosso país e ainda às mulheres “praianas” ou que estão sempre expostas ao sol. Nesse cenário, aparece uma mulher bonita e atraente considerada “avião” por ter seu corpo “avantajado” com curvas, cintura fina e quadris largos, o chamado “corpo de violão”, considerada uma obra prima. Toda essa descrição da mulher considerada ideal traz consigo marcas discursivas que remetem à forma-sujeito da AD. Segundo Pêcheux (2009 p.198):

a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina. [...] o sujeito que “toma posição”, com tal conhecimento de causa, total responsabilidade, total liberdade etc.- e o outro termo representa “o chamado sujeito universal, sujeito a ciência ou do que se pretende como tal”.

Deste modo, ao descrever essa mulher como a “mulher brasileira”, o sujeito-autor se filia a uma FD que considera essa como a mulher “ideal” para representar a mulher brasileira.

Ainda nessa primeira parte da música, é possível perceber o silenciamento com relação a outros atributos da mulher brasileira, como, por exemplo, sua capacidade intelectual ou ainda sua capacidade de exercer funções cotidianas, sejam elas domésticas ou do mercado de trabalho. Ao apresentar a mulher brasileira, apenas, por suas características físicas, o sujeito-autor silencia que as mulheres do Brasil não têm nada de atrativo além do seu corpo. Na sequência discursiva “*fruto do pecado que o homem sempre quer desfrutar*”, há mais um discurso transversal com discursos bíblicos de que é a mulher quem leva o homem a pecar e, por isso, é considerada o próprio pecado. O verbo desfrutar traz ressignificações que colocam a mulher como um alimento que pode ser desfrutado, trazendo à tona mais uma vez a questão do paladar, remetendo às formações discursivas da mulher como objeto de consumo. Como ressalta Bourdieu (2002, p.82):

A dominação masculina que constitui a mulher como objeto simbólico, cujo ser (esse) é um ser-percebido (percipi) tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa “feminilidade” muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. E consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva do seu ser.

Sendo assim, embora a letra em questão trate de uma homenagem às mulheres brasileiras, ressaltando-as em sua forma física, há nesse texto marcas ideológicas que ainda trazem a mulher como objeto de sedução e prazer atraindo os sujeitos ouvintes da música e que por sua vez compartilham da mesma ideologia compartilhada pelo sujeito autor. Nesse sentido, tem-se o que Pêcheux chama de esquecimento nº I, o qual está no âmbito do inconsciente, ou seja, o sujeito não se dá conta que é interpelado por uma ideologia e por conseguinte que se identifica com determinadas formações ideológicas. Assim Pêcheux (2010, p.179) diz que:

O esquecimento nº I, cuja zona é inacessível ao sujeito, precisamente por esta razão, aparece como constitutivo da subjetividade na língua (tendo ao mesmo tempo como objeto o próprio processo discursivo e o interdiscurso, ao qual ele se articula por relações de contradições, de submissão ou de usurpação) é de natureza inconsciente, no sentido em que a ideologia é constitutivamente *inconsciente* dela mesmo (e não somente distraída, escapando incessantemente a si mesma...).

No enunciado “*água que mata minha sede*” podemos observar a relação entre a mulher e o matar a sede, sendo que a sede, nesse contexto não se refere à necessidade de água, mas sim ao desejo sexual. O refrão da música vem carregado de marcas discursivas sobre o que é ser mulher no Brasil. Remetendo-se aos enunciados anteriores pergunta-se, o que é ser “toda boa”? Então tem-se a FD que diz que para ser “toda boa”, a mulher brasileira tem que ter um corpo bonito, ser bronzeada e atraente aos olhos masculinos.

Na última parte da música, há uma tentativa de se deslocar de um padrão feminino, num movimento que indica a valorização da mulher independente de seu perfil físico. O sujeito-autor apresenta a autoestima de cada mulher, levando em consideração suas características físicas, mostrando que a mulher deve sentir-se bem do jeito que ela é, silenciando assim discursos que fazem referência à “ditadura da beleza”, ditadura esta que elege a mulher perfeita sendo aquela magra, esbelta e fora desse padrão, a mulher é considerada como feia. No entanto, ao tentar se deslocar de um padrão, o sujeito do canto, continua a encaixar a mulher em padrões físicos de corpo belo quando diz: *Autoestima coroa (Tá toda durinha)*, indicando um determinado tipo de corpo que pode conferir autoestima às mulheres maduras.

A seguir, mais uma música de pagode baiano a ser analisada:

MÚSICA 1: ME DÁ A PATINHA – BLACK STALY
Robião Já pegou o Galvão, pegou também O Jean engravidou, tá esperando o seu nenem
Netinho, pegou de quatro Vitinho fez frango assado Fabinho sem camisinha Pegou uma coceirinha
O nome dela é Marcela Eu vou te dizer quem é ela(2x) Eu disse Ela, ela ela é uma cadela Ela, ela mais ela é prima de Isabela(4x)
Joga a patinha pra cima One,Two,Three
Me dá, me dá patinha Me dá, me dá patinha Me dá, me dá patinha Me dá sua cahorrinha(3x)
Eu disse ela, ela, ela é uma cadela... Me dá sua cahorrinha.

Historicamente, a posição que homens e mulheres ocupam na esfera social com relação à sexualidade diferencia-se, sendo os homens aqueles que podem, tranquilamente, se relacionar com quantas mulheres quiserem, enquanto para as mulheres isso seria e ainda é visto como amoral, sendo elas tachadas como “cachorras”. Segundo Bourdieu (2002, p.30): “[...] o ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de “posse”. Daí a distância entre as expectativas prováveis dos homens e das mulheres em matéria de sexualidade – e os mal-entendidos que deles resultam, ligados a más interpretações de “sinais”, às vezes deliberadamente ambíguos ou

enganadores. Na letra da música em análise, a mulher é depreciada por ter se relacionado com diversos homens, sendo, portanto, considerada uma mulher disponível sexualmente, e, por isso, desprezada.

Sendo assim, ao citar nomes de homens que já “pegaram” a mulher cantada, o sujeito do canto relaciona o ato sexual com a prova da virilidade masculina, sendo a mulher posta apenas como meio de comprovação dessa virilidade, ou seja, a mulher é usada como objeto de satisfação para o desejo masculino.

Na letra, nota-se, também, que a mulher é colocada como vulgar, algo de fácil acesso, sem limites e valor. A sexualidade feminina é colocada como objeto que gera competição entre os homens. Essa sexualidade é vista de forma pejorativa e negativa. O verbo pegar indica o modo como a mulher é objetificada, através de sua sexualidade. Ao mesmo tempo, recuperam-se discursos de que há mulheres “direitas” e mulheres “vadias”, sendo estas categorizadas a partir da maior ou menor disponibilidade sexual.

A primeira estrofe traz a imagem feminina como um objeto sem dono. O termo “já pegou” gera um efeito de sentido de que a mulher é algo público, “de todos”. Ainda nesse trecho, percebe-se também a questão da gestação como algo comum, sem exigência de responsabilidade e compromisso. A sequência discursiva “*Netinho, pegou de quatro / Vitinho fez frango assado*”, demonstra uma visão em que mulher é tida como uma marionete, pois para satisfazer a vontade masculina, sendo sua atividade sexual exposta pelo homem em público.

Além disso, também, é trazida na sequência discursiva “*Fabinho sem camisinha/ Pegou uma coceirinha*” uma imagem negativa da mulher pelo sexo oposto, ou seja, é ela a portadora e transmissora de doenças, sexualmente transmissíveis, e o “foco” dessas doenças e não o homem. Ao expor a forma como se dá o ato sexual, a partir das posições e a consequência dessa relação, o sujeito do canto apresenta os mecanismos de dominação entre os sexos feminino e masculino e, por sua vez, sua relação de poder, ficando o primeiro submisso aos desejos do segundo, fazendo retomada a discursos que concebem a mulher como aquela que tem que ser sempre submissa ao homem e que a este deve respeito, no sentido de “fazer tudo que lhe for imposto”. Para Bourdieu (2002, p. 31):

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizada da dominação.

Essa relação entre o ativo e o passivo é recorrente em toda a letra, pois em momento algum, no decorrer da música, é mostrada a vontade da mulher, apenas o que cada um dos homens citados fez para satisfazer seus desejos.

Há no refrão, uma animalização da mulher, a qual é comparada a uma cadela (cachorra) “*Ela, ela, ela é uma cadela*”. Tal comparação gera um efeito de sentido de que a

mulher discursivizada na letra da música, sem parceiro fixo, passa a agir como um animal no cio. A sequência discursiva “*Ela, ela mais, ela é prima de Isabela*”, indica uma mulher que é apenas mais uma: a prima de Isabela. No último trecho, o sujeito do canto deixa uma frase ambígua “*me dá sua cachorrinha*”, cabendo a esta sequência discursiva, várias interpretações: a de que a mulher da cachorrinha dela para ele¹, e a de a mulher dar algo que à pertence (nesse caso o seu corpo) para ele, sendo ela a própria “cachorrinha”. As mulheres sexualmente disponíveis são chamadas dentro das músicas de pagode baiano de piriguetes, expressão que faz alusão à atividade sexual feminina dentro dessas músicas.

Para os cantores desse ritmo, expressões como as que foram usadas na música apresentada assim como “piriguetes”, “piranhas”, entre outras, são formas populares de elogiar as mulheres. Isto é percebido no enunciado de um cantor de uma das bandas de pagode baiano, o qual apesar de desclassificar o sexo feminino, apresenta isso como algo positivo. Assim faz, o grupo de pagode baiano Pagod’art, quando explica o que é uma piriguite dentro da música “*As piriguetes chegaram*”:

[...] Primeira mão eu quero dizer que a gente do pagode não vive sem as piriguetes / Então a gente fez uma música pra elas/A piriguite é o seguinte/A piriguite é aquela mulher que tem o fogo muito alto, sabe?/Que toma o homem da amiga, o namorado da amiga... Às vezes ela toma né?/E quanto mais homens pra ela melhor,/Essas são as piriguetes. ([HTTPS://WWW.LETRAS.MUS.BR/PAGODART/289606](https://www.lettras.mus.br/pagodart/289606))

Na descrição acima, podemos perceber a imagem de uma mulher “a perigo”, sem escrúpulos e sem caráter. O enunciado “*fogo muito alto*” causa um efeito de sentido de que a mulher tem que ter um homem para “apagar esse fogo”, não importando para ela se será o namorado ou marido de uma amiga. Segundo o que diz o sujeito-cantor, a necessidade do ato sexual das “piriguetes” não prevê limites, já que ela é capaz de atropelar a dignidade do ser humano. A mulher é posta como um animal que é capaz de tudo para satisfazer seu ego, que se deixa levar, simplesmente, pelo prazer, e que para ela nada mais importa.

É possível notar, com a análise da música “*Me dá a patinha*” do grupo Black Staly, assim como a análise do trecho enunciado pelo cantor do grupo Pagod’arte que, embora sejam de grupos diferentes, os cantores se filiam a FD’s que concebem a mulher como submissa, inferior ao sexo masculino em vários aspectos (sexual, profissional, social), sendo que o que é visto e desejado é apenas o corpo e a sexualidade estereotipada da mulher.

ÚLTIMAS PALAVRAS

A mulher tem sido tema recorrente em várias manifestações musicais de diversos gêneros, sendo a música um recurso que faz uso dessa imagem muitas vezes de forma negativa, atingindo assim, a posição da mulher na sociedade pois, muitas vezes essa mulher é posta como objeto de consumo e não como sujeito marcado histórico e ideologicamente. Deste modo a música popular, que encontra em seu público o apoio

comercial, público esse que não se prende a interpretação da letra, apenas ao ritmo que as envolve, se transforma em interação, isto é, uma relação entre sujeitos. No pagode baiano, as mulheres também são elogiadas e algumas vezes, idealizadas; porém, em sua maioria, as letras desse gênero musical discursiviza a mulher, enfatizando o seu corpo e sua sexualidade, deixando de lado sua capacidade intelectual, ou, ainda, de desempenhar importantes papéis na sociedade.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, Pierre, 1930-2002 **A dominação masculina**/Pierre. - 11° ed. - Rio de Janeiro 160p. Bourdieu tradução Maria Helena Bertrand Brasil, 2012.

CALDAS, Waldenyr. **Iniciação à música popular brasileira**. São Paulo: Ed. Ática S.A, 1985.

NASCIMENTO, Clebemilton Gomes do. **Pagodes Baianos entrelaçando sons, corpos e letras**. Salvador, Ba: EDUFBA, 2012.

COSTA, Neusa Meireles. **De amor, cotidiano e outras falas: o discurso da música brasileira e a arqueologia de Foucault**. São Paulo: Arte Ciência 2004.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso (AAD-69)**. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel. **A análise de discurso: três épocas (1983)**. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) **Por uma análise automática do discurso ; uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Traduzido por Jonas de A. Romualdo. Campinas, Ed. da Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, Michel. **“O Papel da memória”**. Em: Achard, P. et al. **Papel da memória** (Nunes, J.H., Trad. e Intr.). Campinas : Pontes,1999.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres** /Michelle Perrot; [tradução AngelaM. S. Côrrea]. São Paulo: Contexto, 2007

SOBRE OS AUTORES

ANDERSON DE ALMEIDA SANTOS - Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), no PPGEL (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos), cursando Especialização em Linguística e Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa pela UEFS. Graduando em Letras com Inglês - Faculdade Estácio. Licenciado em Duração Plena em Letras Vernáculas pela UEFS. Participante do grupo GEPEAD - UEFS (Grupo de Estudo e Pesquisa em Análise de Discurso), Associado da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN).E-mail: andersonalmeidasantos@hotmail.com

ANDRÉ LUIZ GASPARI MADUREIRA - Pós-Doutor pelo Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro, em Portugal. Doutor em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Letras e Linguística (UFBA). Especialista em Estudos Linguísticos e Literários (UFBA). Graduado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). Professor Titular do Departamento de Educação na área de Letras/Linguística, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor Permanente do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB). Atua nas áreas de Análise do Discurso, Análise Textual, Argumentação, Semântica, Linguística, Ensino de Língua Portuguesa. C. Lattes <http://lattes.cnpq.br/3312685956576170> Email: amadureira@uneb.br

ANDRÉIA ABDON PEIXOTO - Mestre em estudos linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Psicopedagogia clínica e institucional pela Faculdade Hélio Rocha (FHR). Licenciada em Letras Vernáculas com Inglês pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise de Discurso (GEPEAD), no Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professora efetiva do município de Anguera (BA). Atua na área de Análise de Discurso de linha francesa. C. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9786047690880266> Email: andreia.abd@gmail.com

GILBERTO NAZARENO TELLES SOBRAL - Pós-Doutor em estudos de linguagens pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Letras e Linguística (UFBA). Graduado em Bacharelado em Língua Estrangeira (UFBA). Licenciado em Letras Vernáculas com Francês pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). Professor Titular do Departamento de Ciências Humanas na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor Permanente do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB). Atua nas áreas de Argumentação, Análise do Discurso, Crítica Textual, Documentos Brasileiros. C. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7536345919376488> Email: gsobral@uneb.br

IRANEIDE SANTOS COSTA - Possui doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (2007) e mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (1998). Atualmente é adjunto da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: Análise do discurso, língua portuguesa, ensino, leitura, diversidade linguística e cultural, estudos de texto e competência linguística. E-mail: iraneidesc@uol.com.br

JOSIANE PEREIRA DA CONCEIÇÃO - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade do Estado da Bahia (PPGEL/UNEB) - Campus I – Salvador, onde desenvolve pesquisa na área de Linguística, subárea Análise de Discurso pecheutiana. Especialista em Estudos Linguísticos e Literários (UFBA) e em Docência do Ensino Superior pela UNIBA/Faculdades Montenegro. Graduada em Letras – habilitação em Português/Inglês e respectivas Literaturas pela Universidade Salvador (UNIFACS). Professora do Ensino Médio Regular e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na rede Estadual de Ensino da Bahia. C. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1632415576541985> Email: josi-conceicao@hotmail.com

LAURA CAMILA DOS SANTOS SANTANA - Mestre em Estudos Linguísticos (UEFS). Especialista em Linguagens, Produção Textual e Estudos Culturais (IF Baiano). Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas (UNEB). Professora substituta de Língua Portuguesa (IFBA) – Campus Euclides da Cunha. Atua na área de Análise de Discurso de linha francesa e Linguística. C. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1222889165423414> E-mail: lauracamilalp20@gmail.com

MISLENE DE CARVALHO DA PAIXÃO - É graduada em Letras Vernácula pela UEFS e Pedagogia pela FAEL. Mestre em estudos Linguísticos pela UEFS. Fez parte do Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso (GEPEAD – UEFS), desenvolvendo pesquisas sobre mulher e música. E-mail: mis.cp@hotmail.com

NADIA DE JESUS SANTOS - Mestre em Estudo de Linguagens, pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB. Possui especialização em Gestão Escolar, pela Faculdade Barão de Mauá e em Estudos Linguísticos e Literários, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Licenciada em Letras Vernáculas, pela Universidade do Estado da Bahia, Campus V. Possui experiência de ensino nas áreas do Fundamental I e II, assim como na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Ensino Médio. Atuou como professora em escolas da rede municipal de Educação de Santo Antônio de Jesus e também na rede particular de ensino. Atualmente é professora efetiva na prefeitura Municipal de Santa Teresinha, Bahia, e professora visitante na Secretaria de Educação do Estado da Bahia. E-mail: nadiadejesusantos@gmail.com

PALMIRA VIRGÍNIA BAHIA HEINE ALVAREZ - Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Linguística (UFBA). Membro do Núcleo de Pesquisa do Discurso (NUPED/UFBA). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise de Discurso (GEPEAD), no Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professora permanente dos Cursos de Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem (UEFS). Atua na área de Análise de Discurso de linha francesa. Email: pavibheine@gmail.com

REGINETE JESUS LOPES MEIRA - Mestre em Estudos Linguísticos - Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana(UEFS); Foi Bolsista voluntária de Iniciação Científica do Prof. Dr Benedito Veiga, como também monitora do Projeto Universidade Pra Todos na área de Literatura e Redação. Ministra aulas de Língua Portuguesa e Redação no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano (IFBaiano - Campus Valença). Tem experiência com as disciplinas de Língua Portuguesa e redação no Fundamental I e II e é membro pesquisador do Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso (GEPEAD) da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail:gigikiss2006@hotmail.com

MULHER EM (DIS)CURSO



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020

MULHER EM (DIS)CURSO



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020